

# Vivências

## Anete Anjos



Sou de Pedro Leopoldo, cidade a 46 quilômetros da capital de Minas, Belo Horizonte. Nasci sob as águas de março, em 1962.

Pedro Leopoldo pertence ao Carste de Lagoa Santa, que possui relevo geológico caracterizado pela corrosão das rochas, que leva ao aparecimento de cavernas, dolinas, cones cársticos e rios subterrâneos. A Gruta do Sumidouro, o Parque Nacional do Sumidouro e a Gruta Lapa Vermelha IV, além de outros abrigos, lapas e cavernas estão nessa região. O município possui mais de quinze sítios de valor arqueológico, espeleológico ou paleontológico. É a entrada ao Circuito turístico das Grutas.

Numa dessas grutas, o naturalista dinamarquês Peter Lund encontrou fósseis de animais extintos e pinturas rupestres e a equipe da arqueóloga Francesa Annette Laming - Emperaire encontrou o crânio de Luzia, fóssil datado de mais de 11,5 mil anos, o mais antigo da América do Sul. Esse nome foi dado pelo bioantropólogo Walter Alves Neves, da USP.

No entorno do Parque há o conjunto histórico da Quinta do Sumidouro com uma capela tombada pelo IEPHA. Possui características da segunda fase do barroco mineiro; foi erguida pelas irmandades do Rosário e do Santíssimo Sacramento e pelos escravizados. A peça de maior representatividade da capela é o Retábulo Mor, confeccionado em meados do século XVIII. Seu forro possui pinturas no estilo rococó.



Capelinha da Quinta do Sumidouro  
Foto de Anete Anjos

Registros históricos informam que o bandeirante Fernão Dias Paes Leme chegou em Minas Gerais nos idos de 1673. Ele andava a procura de pedras preciosas. Não as encontrando, se estabeleceu na Quinta do Sumidouro, enquanto aguardava auxílio solicitado ao governador e à sua esposa.

Esses fatos me encantam desde sempre. Sou ouvinte e leitora voraz. As narrativas, o folclore, as cantigas, a conversa dos mais velhos, tornaram-me atenta ao mundo. Procuo entender, apreender. E são muitas as histórias, os causos. O povo mineiro é conhecido pela capacidade de tecer o fio da narrativa, de ser imaginativo, de criar palavras. Que o diga João Guimarães Rosa, da mineira Cordisburgo, onde está a Gruta do Maquiné.

Dentre as muitas histórias, uma delas merece atenção e uma pesquisa mais acurada. É sobre um baile que acontecia na cidade mais ou menos entre as décadas de 50 e 60 - o baile dos Burés - povo negro que ainda mora nos arredores da cidade, no lugar chamado de Quilombo do Pimentel. Eram famosos por seus cantos, suas danças, batuques e sua capacidade de sobrevivência.

Eles eram proibidos de entrar nos clubes da cidade. Só eram admitidos para prestarem serviços. Decidiram fazer seu próprio baile. E a partir daí, todos os sábados acontecia o Baile dos Burés. Após o trabalho, homens e mulheres vestiam suas melhores roupas, e a festa acontecia.

Cantavam e dançavam até a madrugada. E um detalhe, todos eram bem vindos. Era um ambiente de alegria, de compartilhamento.

Tive o privilégio de conhecer uma das frequentadoras desse baile, tia Junha Alves - que se autoproclamava “a melhor dançarina do baile dos Burés e cozinheira para mais de mil talheres”.

Tia Junha, além de cozinheira, era exímia artesã e uma líder por excelência. Durante muitos anos foi voluntária no Centro Espírita Bezerra de Menezes. Ela coordenava a sopa fraterna e um grupo de jovens. Durante a execução desses trabalhos, era o momento que ela transmitir muitos dos seus conhecimentos.

São tantas as histórias...

Lembro-me de Dona Marcolina. Ela e o marido trabalharam toda uma vida num forno de cal. As mãos calejadas, corpo arqueado, os cabelos brancos, a fala pausada, a presença firme de quem tinha uma experiência inigualável. No final da tarde, ela ofereceria um delicioso chá de cravo e canela. Receita de “preta velha”, gostava de dizer.

E falava dos mistérios, dos benzimentos, de cuidados. Sabedoria ancestral. Sua casa, portas sempre abertas, acolhia a todos que vinham em paz, que precisavam de um conselho, uma palavra amiga.



Foto de Dona Marcolina, cedida pela filha dela, Maria Geralda, conhecida como Dengo

Com Dona Marcolina aprendi a apreciar a Folia de Reis, a Festa do Congado. Homens e mulheres com suas roupas brancas enfeitadas de fitas multicoloridas, o cortejo, as coroas reluzindo ao sol, o manto celeste, as palmas, a cadência dos passos, a louvação.

Esse é o meu caminho. Saber quem sou, minhas negras origens. Meu sangue vibra com os tambores, o batuque, o samba, as ladainhas.

Minha identidade, meu pertencimento. Não sou apenas da terra, sou do povo da terra. Reconheço-me e estabeleço laços. Minha história foi e vem sendo tecida na percepção dos meus porquês.

Essa busca do saber e o fascínio pelas histórias, pelas narrativas, levou-me ao curso de Letras. Sou professora de Língua Portuguesa e Literatura.

As histórias que ouvi, as lembranças, o aprendizado, gosto de compartilhar. É importante para que não se percam. Por isso tento transcrever as memórias: o que ouvi e também o que vivenciei, o que emociona, as tradições, as manifestações da crença, da fé de um povo.

Posteriormente fiz o curso de Direito, mas, nunca deixei a sala de Aula. E à medida que o tempo foi passando, senti a necessidade de pesquisar, de aprofundar o conhecimento. Precisava aprender a ouvir além das palavras, entender as causas da exclusão, as dificuldades do acesso ao Judiciário. Por esse motivo, fiz especialização em Psicanálise e Direito, um curso que buscava a interface entre esses dois saberes, as duas ciências. O operador do Direito precisa ir além da hermenêutica das Leis. Precisa entender que onde falta o diálogo o conflito se instaura, quando a fala é sufocada, emerge a agressão.

Nesse percurso percebi que existe um imenso abismo entre o que está escrito e o que acontece cotidianamente. As armadilhas da discriminação, do racismo, do não reconhecimento do direito de todas e todos estão presentes na vida e na história de negras e negros. Isso se apresenta com sutilezas nas repartições públicas, na falta de acesso à justiça, na manutenção de privilégios para alguns, principalmente a chamada elite.

Durante alguns anos prestei assistência jurídica gratuita através de um convênio oferecido pela Prefeitura. Foi um longo aprendizado. Esse trabalho com a comunidade carente, só comprovou o abismo, a situação de vulnerabilidade e a necessidade de uma mudança urgente nas relações sociais.

Muitas pessoas só precisam de alguém para compartilhar seus anseios e queixas. Que escute com carinho, cuidado e respeito. Alguém que aponte um caminho. E que entenda as dificuldades. Outras, sequer sabem assinar o nome, mas, são verdadeiras bibliotecas, possuem uma experiência inigualável, uma sabedoria ímpar. O conhecimento está sendo perdido. A falta de registros, de documentos e de pesquisas, está enterrando grande parte da história.

Depois vim para Belo Horizonte e fui trabalhar numa escola cujos alunos eram do aglomerado da Serra- o maior da cidade.

E foi uma experiência única. Aprendi na prática o que a faculdade não havia me ensinado: as manifestações da cultura do povo negro, o Rap, o Hip-hop, Street dance, funk. Conheci as Meninas de Sinhá, os coletivos. Tive alunos que eram rappers, grafiteiros, artesãos, dançarinos; uma comunidade repleta de saberes.

Isso fez com que eu voltasse aos bancos da escola. Fiz especialização em Estudos Africanos e Afro-brasileiros. O curso só reforçou o meu entendimento de que o conhecimento está muito além de uma epistemologia eurocêntrica, colonizadora.

Sei que o canto do meu povo, seus batuques e rezas, são manifestações da nossa ancestralidade, da vida.

Sou acima de tudo, antirracista. Orgulho-me e reafirmo cada vez mais a necessidade de valorizar as experiências dos nossos mais velhos, seus ensinamentos. Devemos cultivar o pertencimento, que é a nossa identidade. E essa é a minha profissão de fé.

Sou fruto de uma história que começou a ser escrita nas cavernas, que continuou na batida dos tambores, na poeira levantada pelos pés no compasso do samba.

Salve os Burés, salve o povo dos terreiros, axé!